

“Onde existe amor, Deus aí está” e “Sobre os ossos dos mortos”

A obra “*Sobre os ossos dos mortos*”, de Olga Tokarczuk, representa uma ética baseada na presunção de igualdade entre todos os seres vivos. Na obra, os atributos do homem, como ser racional e superior, são questionados e depreciados em razão da sua forma predatória de exercer domínio sobre os animais e sujeitá-los.

Uma das formas pelas quais a autora detrata a condição do homem é pela contínua troca de posições e atributos entre humanos e animais: os animais são colocados sob um verniz de pureza e sabedoria, assumindo os atributos humanos; a personagem principal considera plausível que os animais tenham alma e reencarnem, quantos aos homens, duvida que sejam seres transcendentais; as mãos humanas são denominadas de patas, enquanto os cadáveres dos animais são tratados como corpos; os nomes dos homens são escolhidos como se escolhem os nomes dos animais, e os animais são apresentados com as inclinações humanas.

Essa transmutação de naturezas humana e animal é realizada, de forma a demonstrar profundo desprezo da personagem principal (Sra. Dusheiko) pelos humanos. Seu grupo de referência é constituído de quatro pessoas, as quais comungam tacitamente de seus atos macabros em relação às suas vítimas. O tribunal monocrático da consciência de Janine Dusheiko é legitimado pelas verdades que sustentam sua cosmovisão, a qual justificaria a suposta necessidade de vingar os animais da crueldade humana, levando-a a julgar, condenar e executar os caçadores.

Por uma feliz coincidência, a leitura de “*Sobre os ossos dos mortos*” foi realizada junto com “*Onde existe amor, Deus aí está*”, de Leon Tolstói, e, apesar de serem livros completamente diferentes, a mim, me fez refletir sobre o que têm em relação ao cristianismo. Tolstói é um autor do século XIX e início do século XX. Depois de sua morte, em 1910, a Rússia fez a Revolução (1917). Yancey (2015), falando sobre Tolstói, lembra que ele e Dostoiévski permaneceram como leituras permitidas na Rússia, após a Revolução, por sua importância para a cultura daquele país, sendo as principais e quase únicas que ainda traziam a mensagem cristã, pela qual muitos experienciaram a fé, por detrás da Cortina de Ferro. Foi, também a mensagem de Tolstói que influenciou em grande medida a opção de Gandhi pela não violência e de Martin Luther King na luta pelos direitos civis e, por causa de sua rendição ao cristianismo, Tolstói abandonou a prática da caça.

A obra “**Onde existe amor, Deus aí está**” revela uma ética cristã, que se objetiva em receber o Outro, matar a sua fome, aquecer-lhe do frio e perdoar as suas falhas. A obra mostra que os grandes desafios da alma humana podem ser superados com gestos simples de amor e abnegação, onde receber a Cristo é receber o próximo, sendo para ele, a própria imagem de Deus. A obra é muito simples, mas valorosa por revelar o sentido do existir, nas pequenas coisas.

Se Tolstói representa o remanescente do cristianismo na Rússia comunista e atea, esta obra de Olga Tokarczuk (ainda não conheço outras), representa o contemporâneo de uma cosmovisão que cresce de maneira resoluta neste século. Foi por causa desta leitura que busquei mais informações sobre o tema e tomei conhecimento da linha do pensamento sustentada na ética senciocêntrica, que tem como um de seus produtos o abolicionismo animal, que considera “humanos e não-humanos dotados de órgãos sensoriais, portanto, seres sencientes, cada espécie num tempo abreviado ou prolongado, passam pela mesma agregação de valor que os torna sujeitos-de-suas-vidas (FELIPE, 2009, p. 14). Certamente, este é um princípio subjacente da cosmovisão que guia a obra *Sobre os ossos dos mortos*.

Mesmo que o livro de Tokarczuk represente uma condição patológica de sua personagem principal e careça de uma avaliação sob uma ótica literária, a visão sobre a qual se sustenta questiona práticas do cristianismo católico polonês e combate, com desprezo, alguns de seus rituais e símbolos. Esse ponto divergente sobre o cristianismo, que reúne as duas obras - mesmo não sendo o cerne da obra de Olga - me chamou a atenção.

Dessa forma, as duas obras lidas neste mês representam formas bem diferentes, em alguns pontos opostas, de como vemos o mundo, o próximo e os demais seres vivos e nos relacionamos com eles. Os dois livros nos mostram que aquilo em que acreditamos se torna intensamente prático. Parafraseando Colson e Percy (2000), a soma de nossas crenças sobre o mundo é o grande desenho que dirige nossas decisões e ações diárias. YANCEY, P. Alma Sobrevivente. Editora Mundo Cristão, São Paulo, 2015. COLSON, C. PERCY. N. E agora como viveremos? Editora CPAD, Rio de Janeiro, 2000.”

